

FERNANDO PESSOA VIDA, OBRA E HETERONOMIA

Moises Donizete de Souza ¹

Bento Borges²

*"A maioria pensa com a
sensibilidade, eu sinto com o
pensamento. Para o homem vulgar,
sentir é viver e pensar é saber viver.
Para mim, pensar é viver e sentir não
é mais que o alimento de pensar."
Fernando Pessoa*

Resumo

Este trabalho tem como objetivo desenvolver um estudo sobre este grande nome do Modernismo em Portugal, Fernando Pessoa, que conquistou o mundo com suas obras magníficas, trabalhando sobre diversos heterônimos, cada qual com sua característica de escrita própria, o que de fato retrata sua grandeza como escritor. Trata-se assim de uma pesquisa bibliográfica em livros, revistas e *sites* da Internet que tratam do assunto expondo assim um estudo acerca do autor e sua vastíssima obra, onde podemos perceber como os vários heterônimos são provas da imensa capacidade literária do autor, visto que em cada um deles ele trabalha um estilo próprio de poesia como se trata nos exemplos utilizados de Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

Palavras-chave: Literatura; Modernismo em Portugal; Fernando Pessoa.

Resumén

Este trabajo tiene como objetivo crear un estudio sobre este gran nombre del Modernismo en Portugal, Fernando Pessoa, que conquistó el mundo con sus obras magníficas, trabajando sobre diversos heteronímios, cada cual con su característica de escritura propia, lo que de hecho retrata su grandeza como escritor. Se trata de una investigación bibliográfica en libros, revistas y sitios de Internet que tratan del asunto exponiendo así un estudio sobre el autor y su vastísima obra.

Palabras-clave: Literatura; Modernismo en Portugal; Fernando Pessoa.

¹ Graduando em Letras pela Fundação Carmelitana Mário Palmério-Fucamp, em Monte Carmelo-MG. ✉ moisesdonizete777@gmail.com.

² Professor de Literatura Brasileira- orientador ✉ bentoprof@yahoo.com.br

Introdução

Fernando Pessoa é considerado “o maior poeta português depois de Camões, tanto pela altura de suas intuições, como pela completa multividência que desenvolveu”, como nos é dito por Moisés (1997, p.451) na obra *A literatura portuguesa através dos textos*. Este completo poeta traz em sua história contada através de seus inúmeros poemas vários elementos que apontam sua genialidade, entre eles sua metamorfose em diversos heterônimos que nos apresentam diversas facetas do poeta sem contudo perder a grandiosidade de sua obra.

Isso posto, esta pesquisa se justifica para que se possa entender a diferença de suas obras na visão de algumas obras de seus heterônimos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, que podem, ao mesmo tempo, ser tão diferentes entre si e assim mesmo se completarem enquanto conjunto de sua grandiosa obra prima.

Modernismo em Portugal

O Modernismo em Portugal nasceu em uma época histórica em que ocorria a mudança do regime monárquico para o republicano; seu início pode ser indicado em 1915, com a publicação da revista “Orpheu”, que surgiu com a premissa de revolucionar e renovar a literatura e artes portuguesas na Europa. O período modernista em Portugal em termos de literatura trouxe tendências de vanguarda, com toques de inconformismo, instabilidade, desejo de deixar o passado para trás, ambicionando para isso ideias e temas futuristas onde Portugal seria o principal destaque.

Como premissa deste desejo, as estruturas da literatura sofrem mudanças, a respeito da escola modernista brasileira, despreocupação pelo uso da sintaxe e o menosprezo pelos adjetivos, advérbios e pontuação. Podendo ainda ser dividida, segundo alguns autores, como fala Puccini (2011, p.2), em três fases. O Orfeísmo, chamada assim por seus escritores serem responsáveis pela revista Orpheu, trazendo destaque a cultura Portuguesa neste período; o Presencismo, que eram os fundadores da revista Presença, que buscavam romper com as ideias da geração anterior e mudar a percepção de literatura no país, trazendo assim a discussão sobre a teoria da literatura e novas formas de expressão; e o neorrealismo, que surgiu para combater o fascismo, defendendo uma literatura onde a crítica social era muito utilizada, a exemplo do realismo brasileiro, discutindo os problemas reais de Portugal para assim evocar ao povo a realidade muitas vezes mascarada na literatura.

Fernando Pessoa faz parte da primeira fase, tendo contribuído para a criação e difusão da revista Orpheu, onde publicou muitos de seus poemas.

Fernando Pessoa

Marco do Modernismo em Portugal, compositor de uma poesia lírica, nacionalista e saudosista, que trata de reflexões profundas e inquietantes de cunho introspectivo sobre seu “eu”, a solidão e o tédio. Sendo que poucos poetas conseguem em sua obra serem tão vários em seus textos de forma a exprimirem sentimentos muitas vezes tão controversos quanto Pessoa em cada um de seus heterônimos. Desta forma este artigo dialoga sobre quem foi Fernando Pessoa e quais suas principais obras por trás de seus heterônimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

1.1 Breve Biografia

Fernando Antônio Nogueira Pessoa, filho de Joaquim de Seabra Pessoa e Maria Madalena Pinheiro Nogueira, nasceu em Lisboa em 13 de Junho de 1888, ficando órfão de pai aos cinco anos, tendo sua mãe se casado de novo com o comandante militar João Miguel Rosa, nomeado cônsul de Portugal em Durban na África do Sul, passando o poeta sua infância neste local onde conclui os estudos do primário e secundário sendo um ótimo aluno. Com treze anos escreve já seus primeiros poemas em inglês.

Nas imagens 1 e 2 podemos ver Fernando Pessoa em dois momentos de sua vida, na entrada da adolescência aos treze anos quando inicia a escrever seus poemas e aos quarenta anos, já um escritor renomado.



Imagem 1- Fernando Pessoa com treze anos.
Fonte: Álbum de Fotografias - <http://www.fpessoa.com.ar/fotos.asp>



Imagem 2 - Fernando Pessoa com quarenta anos, fotografia do Bilhete de Identidade em 1928.
Fonte: Álbum de Fotografias - <http://www.fpessoa.com.ar/fotos.asp>

A família de Pessoa regressa a Portugal em 1902, mas no ano seguinte o poeta regressa sozinho a África do Sul e ali frequenta a Universidade de Capetown no Cabo da Boa Esperança. Regressando a Portugal em 1905, se matricula na Faculdade de Letras de Lisboa, mas abandona o curso sem concluí-lo, se tornando correspondente comercial em línguas estrangeiras. Trabalhando como crítico em 1912 na revista *A Águia* e depois em 1915, integra o grupo que fundou a revista *Orpheu*, formado por Mário de Sá-Carneiro, Raul Leal, Luís de Montalvor, Almada-Negreiros e o brasileiro Ronald de Carvalho, sendo a mesma portadora dos desejos de renovação cultural e liberdade de expressão desejados pelo grupo indo de encontro a época instável pela qual passava Portugal tanto política quanto economicamente da primeira república, sendo a precursora do Modernismo e nomeadora de sua primeira fase.

Após a curta vida da revista, Fernando Pessoa publicou poemas que escandalizaram a sociedade conservadora da época, sendo os “orfistas” taxados de loucos e insanos nas ruas da cidade. Após a extinção desta passa a colaborar em outras revistas da época, sendo que ao participar da *Presença* seu nome já se torna bastante conhecido. Em 1934 a Secretária Nacional de Informações, de Lisboa, promove um concurso de poesia, no qual Pessoa se inscreve ficando contudo em segundo lugar, com sua única obra publicada em vida: *Mensagens*.

Nas imagens 3 e 4 podemos ver Pessoa em sua última fotografia em 1935, feita por seu amigo Augusto Ferreira Gomes e ao lado uma página do Diário de Lisboa que noticia a morte do poeta seis dias depois do ocorrido.



Imagem 3 - A última fotografia de Fernando Pessoa, em 1935, feita pelo seu amigo Augusto Ferreira Gomes. Fonte: Álbum de Fotografias - <http://www.f Pessoa.com.ar/fotos.asp>



Página do "Diário de Lisboa" sobre a morte de Fernando Pessoa. Fonte: Álbum de Fotografias - <http://www.f Pessoa.com.ar/fotos.asp>

Em 1935 já bastante doente e debilitado, sofrendo de delírios e tremores morre Fernando Pessoa ao dia 30 de novembro, de cirrose hepática, no hospital de San Luís dos Franceses em Lisboa aos 47 anos, sendo sepultado no monastério dos Jerônimos de Belém.

1.2 Obras

Fernando Pessoa escreveu tanto poesia quanto prosa e, em suas obras, busca expressar sua visão particular do mundo que o cerca, suas angustias quanto a vida e morte que entremeiam a condição humana. Neyza Prochet (2012; p.12) em seu artigo de psicologia, fala sobre o que define sua escrita que é “a marca é o estranhamento de ser, a

inquietação que surge da certeza da impossibilidade de exprimir-se integralmente, da impossibilidade da poesia em aplacar-lhe os demônios.” O que indica bem como é composta suas obras e dos assuntos das quais estas tratam.

Suas obras de poesias são:

- Mensagem, 1934;
- Poesias de Fernando Pessoa, 1942;
- Poesias de Álvaro de Campos, 1944;
- Poemas de Alberto Caeiro, 1946;
- Odes de Ricardo Reis, 1946;
- Poemas Dramáticos, 1952;
- Poesias Inéditas, 1955-1956;
- Quadras ao Gosto Popular, 1965;
- Antinous, 1918;
- 35 Sonets, 1918;
- Inscriptions, 1920;

Os poemas em língua inglesa foram depois reunidos sob o título de English Poemas, I, II e III em 1921.

Abaixo alguns dos textos em prosa de Pessoa:

- Páginas de Doutrina Estética, 1946;
- A Nova Poesia Portuguesa, 1944;
- Análise da Vida Mental Portuguesa, s.d.;
- Apologia do Paganismo, s.d.;
- Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação, 1966;
- Páginas de Estética e Teoria e Crítica Literária, 1966;
- Textos Filosóficos, 2 volumes, 1968, etc.

Heterônimos

Heterônimo é dito de um nome imaginário utilizado por seu criador para identificar como autor de suas obras, sendo que este tem características distintas e

diferentes desse criador, constituindo uma personalidade fictícia. Um exemplo marcante da heteronímia é Fernando Pessoa, que criou não apenas nomes para assinar seus textos, mas toda uma biografia e personalidade para cada um deles além de cada um deles ser reconhecido por características únicas na escrita. Sendo Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis seus principais heterônimos e os mais famosos e como tal são os que serão discutidos neste artigo.

1.3 Alberto Caeiro

A poesia de Caeiro era pagã. Era a poesia da anti poesia, que questionava palavras, conceitos, pensamentos, ideologias, religiões, com as quais o homem vestia a realidade, trazendo à tona que ela – a realidade – simplesmente era e valia por si mesma. A única experiência que valia à pena para o mestre era a de silenciar, a de libertar-se do poder de signos e de significados de tudo o que existia, o que, aí sim, possibilitaria ao homem o conhecimento real de toda a verdade do mundo no qual vivia, e da sua própria verdade, enquanto presença e existência. (PUCCINI, 2008)

Como podemos perceber pelas palavras de Puccini, a poesia de Alberto Caeiro é uma poesia simples e com vocabulário reduzido, sendo a objetividade uma de suas marcas. Tido como o mestre, foi considerado por Pessoa, como o maior de seus heterônimos.

Alberto Caeiro é o guardador de rebanhos, poeta que exprime a voz do campo. Nasceu em Lisboa, vivendo no campo, junto a uma tia-avó idosa, sendo ele órfão de pai e mãe.

Vemos estes traços no poema “XXIV” de “O guardador de rebanhos”, no qual percebemos a simplicidade de sua compreensão de mundo, na qual o mais importante é o sentir a vida em sua realidade:

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender”.

(Poemas completos de Alberto Caeiro, 2006, p. 63).

Para Caeiro o importante era o real, o vivido, a constante aprendizagem que se obtém com o ver e o ouvir, sendo a maior de suas obras o Guardador de Rebanhos formada

por 49 poemas, onde vemos dissecar a realidade e tratar de sua complexidade através da visão simples do homem simples.

1.4 Ricardo Reis

Responsável pelos poemas pagãos inspirados na cultura greco-latina, Ricardo Reis criado em 1913, foi criado em colégio de Jesuítas, monarquista, médico e amante da cultura da antiguidade clássica, foi o autor de obras refinadas, concisas, de linguagem bem trabalhada e vocabulário rebuscado.

Reis, tratava da efemeridade da vida, tratando a mesma como algo passageiro e que perdia seu sentido diante da morte inevitável, como vemos nos versos de seu poema “Odes de Ricardo Reis”:

Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa
Se é para nós que cessa. Aquele arbusto
Fenece, e vai com ele
Parte da minha vida.
Em tudo quanto olhei fiquei em parte.
Com tudo quanto vi, se passa, passo,
Nem distingue a memória
Do que vi do que fui.

(Odes de Ricardo Reis, 1983, p. 132).

Seus poemas possuíam métrica, estrofes regulares e variáveis compostos de odes e poemas líricos, sendo estas algumas características que o diferencia de Caeiro. Também diferente deste, Reis acreditava que os deuses controlavam o destino dos homens estando acima destes.

1.5 Álvaro de Campos

Nasceu em Tavira, Portugal, no dia 15 de outubro de 1890, possui uma personalidade lírica elaborada, sendo considerado um alter ego de Fernando Pessoa, sua escrita é dividida em três fases distintas.

Sendo a primeira fase a Decadentista, na qual evidencia-se a visão pessimista do mundo, demonstrando certo tédio e uma necessidade de novas sensações, sendo esta fase a mais próxima do Romantismo e do Simbolismo, como vemos neste trecho de seu poema “Opiário”:

“(...) Esta vida de bordo há-de matar-me.
São dias só de febre na cabeça
E, por mais que procure até que adoeça,
já não encontro a mola pra adaptar-me.

Em paradoxo e incompetência astral
Eu vivo a vincos de ouro a minha vida,
Onda onde o pundonor é uma descida
E os próprios gozos gânglios do meu mal (...).”

(Excerto do poema “Opiário”)

A segunda fase de Álvaro de Campos foi a Futurista/Sensacionalista, marcada pelos poemas onde se percebe o fascínio pelas máquinas e pelo progresso, como podemos ver no trecho abaixo de seu poema “Ode Triunfal”:

“À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!(...)”

(Excerto do poema “Ode Triunfal”)

A terceira fase é a fase Intimista/Pessimista, onde o poeta permanece distraído, angustiado e incompreendido, notando-se assim a solidão interior, a nostalgia da infância, a frustração e a incapacidade de amar, como é visto no poema “Tabacaria”:

“Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.(...)”

(Excerto do poema “Tabacaria”)

Como percebemos Álvaro de Campos se volta para as emoções, para o presente, a modernidade, falando sobre o mundo moderno e tudo de novo que se apresenta neste. Sendo totalmente contrário a Caeiro e Reis, que eram voltados a natureza bucólica e ao paganismo, trazendo consigo a essência das tendências do início do modernismo europeu.

Considerações finais

Podemos perceber que Fernando Pessoa não é apenas um autor de várias obras, mas se desdobra em vários autores de obras diversas, detalhe esse que apenas confirma e atesta a grandiosidade de Pessoa em escrever, visto que um mesmo autor conseguiu exprimir tantas vertentes e características diferenciadas em suas obras.

O próprio define seus heterônimos da seguinte forma, em carta a Adolfo Casais Monteiro:

“(...) Como escrevo em nome desses três?... Caeiro por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstracta, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê.

(Fernando Pessoa – Carta a Adolfo Casais Monteiro, 13 de janeiro de 1935)

Então percebemos que o próprio criador os definem como criaturas distintas, cada um com sua história o que influencia nos resultados de suas obras, SIMEONI, em seu artigo A Desconstrução do Eu em Fernando Pessoa nos fala o seguinte a este respeito:

A criação heteronímica de Fernando Pessoa nos faz pensar na negação do eu como unidade constituída, numa fuga que se enovela em um desafio de outrar-se, a qual confere o desafio do autor em querer encontrar nos heterônimos essa unidade pretendida. As multifacetadas formas com que os heterônimos foram criados demonstram a angústia em procurar desvendar a vida e a morte, a perfeição e a imperfeição, a alegria e a tristeza, a humanidade e a divindade. A chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que desloca a estrutura das sociedades modernas e abala as estruturas vigentes que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. O sintoma da crise é, portanto, o declínio das velhas identidades, pautadas em paradigmas de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que representam de algum modo a marca da estabilização do mundo social, o que fez gerar o surgimento de novas identidades e a fragmentação do indivíduo. (SIMEONI, 2009. p.2)

Percebemos assim que esta criação de heterônimos pelo autor vai além da simples criação literária, sendo pautada em seu psicológico e no desejo de não se prender a apenas a uma identidade imposta pela sociedade.

Com tudo isso, reconhecidamente, Pessoa se demonstra um dos mais completos, brilhantes e curiosos poetas de seu tempo, que contudo se mantem atual e imortal pela grandeza de seu trabalho.

REFERÊNCIAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14.724, de 17.03.2011.** Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Válida a partir de 17.04.2011. Rio de Janeiro, 2011.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Fernando Pessoa.** Disponível em https://www.ebiografia.com/fernando_pessoa/ - acesso em 05/09/17

Grupo Fernando Pessoa. **Afinal, o que é ortônimo e heterônimo?.** Disponível em <http://unipfernandopessoa.blogspot.com.br/2012/06/afinal-o-que-e-ortonimo-e-heteronimo.html> - Acesso em 10/10/17.

Imagens Fernando Pessoa. **Álbum de Fotografias.** Disponível em <http://www.fpessoa.com.ar/fotos.asp> - Acesso 08/09/17

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa.** 26^a ed. ver. e ampl. São Paulo: Cultrix, 1991.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos.** 25^a ed. rev. e aumentada. São Paulo: Cultrix, 1991.

PESSOA, Fernando. **Antologia poética. Int. e seleção de Walmir Ayala.** 2^a ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2001. – (Coleção antologias).

_____. **Ficções do interlúdio/2-3: Odes de Ricardo Reis/3: Para além do outro oceano de Coelho Pacheco.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **Ficções do interlúdio/4: Poesias de Álvaro de Campos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **Mensagem.** São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. **Poemas completos de Alberto Caeiro.** São Paulo: Martin Claret, 2006.

PROCHET, Neyza. **A dor e o existir: Fernando Pessoa.** - Cad. Psicanál.-CPRJ, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 11-21, jul./dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v34n27/a01.pdf>– Acesso em 12/10/17.

PUCCINI, Ítalo. **O Modernismo Português e Fernando Pessoa.** MAFUÁ - Revista de Literatura em Meio Digital – ISSN Rio de Janeiro, 2011. – ano 6 nº9. 2008. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mafua/article/view/1451> – Acesso em 12/10/17.

SIMEONI, Cristiane Prado Martini. **A Desconstrução do Eu em Fernando Pessoa.** Revista Desassossego – Periódico do Programa de pós-graduação em Literatura Portuguesa da USP – nº1. 2009. ISSN 2175-3180. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/47612> – Acesso em 12/10/17.